

O poder da verdade na sociedade relativista

Nos 25 anos da Carta Encíclica *Veritatis splendor*

Resumo

Na Carta Apostólica Spiritus Domini do dia 1 de agosto de 1987, por ocasião do segundo centenário da morte de S. Afonso Maria de Ligório Neste, o Papa João Paulo II anunciou sua madura decisão de escrever uma Encíclica destinada a refletir mais ampla e profundamente sobre as questões relativas aos próprios fundamentos da teologia moral. Esta decisão concretizou-se com a publicação da Veritatis splendor. É no contexto dos 25 anos desse documento que se insere este artigo, escrito com o objetivo de colocar em evidência a força da verdade que resplandece no coração do homem, pois essa verdade nos é revelada em Jesus, Filho de Deus e filho do homem. Ao mesmo tempo, deseja-se recordar a todos os cristãos que, mesmo vivendo em um contexto relativista, a Igreja continua a ser portadora da Verdade, que é Cristo, e da missão de anunciá-Lo ao mundo.

Summary

In the Apostolic Letter Spiritus Domini on August 1, 1987, on the occasion of the second centenary of the death of St. Alphonsus Liguori, Pope John Paul II announced his mature decision to write an encyclical designed to reflect more broadly and profoundly about the questions related with the foundations of moral theology. This decision took shape with the publication of Veritatis splendor. It is in the context of the 25 years of this document that this article is inserted, written with the purpose of highlighting the force of truth that shines in the heart of man, for this truth is revealed to us in Jesus, Son of God and Son of Man. At the same time, it wish to remind all Christians that, even living in a relativistic context, the Church continues to be the bearer of the Truth, which is Christ, and of the mission to annunciate Him to the world.

* * *

Passados 25 anos da publicação da Carta Encíclica *Veritatis splendor*, é importante voltar ao seu texto e meditar alguns elementos deste importante documento do pontificado do nosso querido Papa São João Paulo II. Em certo sentido, essa encíclica pode ser comparada à *Humanae vitae* do Beato Paulo VI, pois se esta suscitou em muitos teólogos certo descontentamento a respeito da posição tomada pelo sucessor de Pedro sobre o tema da contracepção, aquela não deixou de provocar desgosto em muitos moralistas em virtude da posição que o Papa tomou em relação a algumas questões fundamentais para a vida e a moral cristã.

Pelo próprio título do documento, é possível entrever que João Paulo II deseja, com suas palavras, que todos tomem consciência daquela verdade inscrita no coração do homem e que resplandece, de modo particular, no Filho de Deus humanado, única capaz de dar a verdadeira liberdade ao homem e conduzi-lo à plenitude de sua existência. Convencidos de que a verdade continua a brilhar em meios às trevas, é necessário refletirmos sobre a força que ela tem e como devemos continuar propô-la em tempos de uma sociedade relativista.

Para contribuir com a reflexão global sobre o documento, este artigo será orientado em torno de quatro pontos. No primeiro, veremos como a procura da verdade, conatural ao homem, terminou com o desvio atual, conhecido como relativismo. No segundo ponto, serão apresentados alguns elementos para a compreensão do fenômeno do relativismo. No terceiro ponto, a reflexão procurará mostrar como o anúncio da verdade é a resposta para o desafio da sociedade relativista e como a Igreja está implicada, a partir da sua própria identidade e missão, nesse processo de anúncio corajoso da Verdade. Por fim, no último ponto, serão feitas algumas considerações que articulam os elementos já apresentados em vista da missão eclesial.

I. A procura da verdade

1. O homem que procura a verdade

“Tanto no Oriente como no Ocidente, é possível entrever um caminho que, ao longo dos séculos, levou a humanidade a encontrar-se progres-

sivamente com a verdade e a confrontar-se com ela”¹. Esse encontro fez com que muitas questões surgissem diante do homem, “questões que têm a sua fonte comum naquela exigência de sentido que, desde sempre, urge no coração do homem: da resposta a tais perguntas depende efetivamente a orientação que se imprime à existência”². Esse caminho de procura de respostas fez surgir, ao longo de todos esses séculos, as diferentes correntes de pensamento e de filosofia.

Visto sob o ponto de vista da natureza racional do homem, podemos dizer que este encontro e confronto com a verdade se dá, pois, a inteligência humana foi feita para a verdade e não para a penumbra das semi-verdades ou do erro. O homem aspira naturalmente à verdade. Com efeito, assim como para o olho, há a luz para a qual ele foi feito, para o ouvido, há o som, para os pulmões, há o ar, para a inteligência humana há a verdade. Existe, portanto, algo no homem que o faz naturalmente aberto à verdade e interiormente disposto a procura-la e à encontra-la, mesmo que ele não tome consciência tematizada disso em cada um dos momentos de sua existência.

Do ponto de vista da sua realidade teológica, esta constatação poderia ser expressa com as palavras do Papa João Paulo II: “O esplendor da verdade brilha em todas as obras do Criador, particularmente no homem criado à imagem e semelhança de Deus (Cf. Gn 1,26): a verdade ilumina a inteligência e modela a liberdade do homem, que, deste modo, é levado a conhecer e a amar o Senhor”³.

Criado à imagem e semelhança de Deus e chamado à plenitude em Cristo, que é a Verdade, o homem procura a verdade não por uma razão meramente racional, mas como parte da sua condição integral de pessoa e de criatura de Deus, chamada à filiação divina no Filho bem-amado do Pai.

2. Um caminho desviado

Apesar da constatação fatural de que o homem procura a verdade, o ser humano foi

continuamente tentado a desviar o seu olhar do Deus vivo e verdadeiro para o dirigir aos ídolos (Cf. 1Ts 1,9), trocando “a verdade de Deus pela

¹ JOÃO PAULO II, *Fides et ratio*, 1.

² *Ibid.*, 1.

³ JOÃO PAULO II, *Veritatis splendor*, 1.

mentira” (Rm 1,25); então também a sua capacidade para conhecer a verdade fica ofuscada, e enfraquecida a sua vontade para se submeter a ela⁴.

O consentimento a esta tentação, já presente nas origens (Cf. Gn 3), fez com que o homem, ao longo da história do pensamento e da reflexão, fosse à procura de uma ilusória liberdade fora da própria verdade. O momento atual é, portanto, o ponto culminante desse processo, marcado pelo relativismo e pelo ceticismo em relação ao conhecimento da verdade.

II. A sociedade relativista

1. Quais as bases do relativismo?

O fenômeno do relativismo manifestou-se com uma força particular no fim do século passado. Apesar dessa referência cronológica recente, tal fenômeno afunda suas raízes na história remota, estando ligado ao pensamento de Protágoras e dos sofistas. A estes por terem levantado a questão sobre a possibilidade de o homem conhecer ou não uma verdade absoluta, e de a terem negado, e àquele por ter afirmado como máxima que “o homem é a medida de todas as coisas”.

Proximamente, é impossível não ver como as ideias nascidas a partir do pensamento cartesiano, particularmente a negação da metafísica feita por Kant, passando depois pela negação da capacidade da razão de conhecer a verdade, sustentada pelos pais da pós-modernidade, mais propriamente por Nietzsche, estão nas bases no relativismo da sociedade atual. Basta nomearmos a expressão “pensiero debole”⁵ (pensamento fraco) usada por Gianni Vattimo para expressar uma característica central da pós-modernidade, contrária a racionalidade moderna e que expressa a incapacidade da razão de conhecer a verdade. A estes fundamentos ainda se associam a filosofia imanentista, o historicismo, o contínuo e insaciável progresso científico, o ceticismo e o utilitarismo, cada qual contribuindo com aquilo que lhe é próprio para oferecer as bases para o fenômeno em questão⁶.

⁴ *Ibid.*, 1.

⁵ Cf. G. VATTIMO – P. A. ROVATTI, *Il pensiero debole*, 11.

⁶ Cf. E. BETTENCOURT, “Relativismo: o que é?”, 396-397.

2. O que é o relativismo?

De modo sintético, se pode dizer que o relativismo é a recusa de qualquer proposição de valor universal e absoluto. Sendo assim, tudo passa a ser relativo ao lugar, à época e demais circunstâncias nas quais o homem se encontra. Este modo de pensar se expressa em campo filosófico, moral e também religioso, entre outros.

Em campo filosófico, se afirma que

não se pode pretender chegar a uma verdade objetiva, pois a mente humana não conhece a realidade como ela é, mas como o sujeito a consegue enquadrar dentro dos seus parâmetros de pensamento. A verdade, portanto, não é aquilo que a filosofia clássica ensina (conformação do intelecto com a realidade em si), mas, ao contrário, é a conformação da realidade com o intelecto. A verdade assim é algo de subjetivo, pessoal, em vez de ser objetiva e universal, para todos os homens. Já que não há um intelecto só para todos os homens, mas cada qual tem seu intelecto, diverso do intelecto do próximo ou mesmo oposto a este, em consequência há muitas verdades. Cada um tem a sua própria verdade⁷.

No campo moral, é sustentada a ideia de que não se poderia defender o bem que o homem deve realizar e o mal que deve evitar, pois não existem normas morais válidas para todos os homens. Sendo assim, os valores éticos variam de acordo com as fases da história e das culturas. O que existiriam, na verdade, são normas e opiniões subjetivas, que o indivíduo formula exclusivamente para si mesmo, fazendo uso da sua liberdade, que é refreada somente pelos limites que os direitos alheios lhe impõem. Daqui nasce o conhecido jargão contemporâneo: “a liberdade de um termina onde começa a do outro”. Existiria, então, um Único absoluto: o ser humano ou, mais precisamente, a liberdade de cada ser humano, compreendida como autonomia absoluta de qualquer instância heterônoma.

No campo religioso, em virtude da influência da filosofia relativista, afirma-se que

é preciso resignar-se com o fato de que as realidades divinas e as que se referem ao sentido da vida humana, pessoal e social, são substancialmente inacessíveis, e que não existe uma via única para aproximar-se delas. Cada época, cada cultura e cada religião têm utilizado diversos conceitos, imagens, símbolos, metáforas, visões, etc., para expressá-las. Essas formas culturais podem opor-se entre si, mas, com relação aos objetos aos quais se referem, teriam todas elas igual valor. Seriam diversos modos – cultural

⁷ *Ibid.*, 395.

e historicamente limitados – de aludir de modo muito imperfeito a realidades que não se podem conhecer. Em definitiva, nenhum dos sistemas conceituais ou religiosos teria, sob qualquer aspecto, um valor absoluto de verdade. Todos seriam relativos ao momento histórico e ao contexto cultural; daí a sua diversidade e, inclusive, a sua oposição. Mas, dentro dessa relatividade, todos seriam igualmente válidos enquanto vias diversas e complementares para aproximar-se de uma mesma realidade, que, substancialmente, permanece oculta⁸.

Estas ideias deram origem, por exemplo, à “teologia do pluralismo religioso”, que afirma que Deus teria querido, positivamente, as religiões não cristãs como caminhos diversos pelos quais os homens se unissem a Ele e recebessem a salvação, independentemente de Cristo. Este teria, no máximo, uma posição de particular relevância, sendo só um dos caminhos possíveis e não exclusivo de salvação. Todas as religiões seriam vias parciais e, portanto, todas deveriam aprender das outras algo da verdade sobre Deus. A afirmação final seria de que em todas haveria uma verdadeira revelação divina⁹.

Diante deste quadro de uma cultura relativista, afirmou o então Cardeal Ratzinger, na homilia da Missa *Pro eligendo Romano Pontifice*, às vésperas do Conclave no qual ele foi eleito Papa:

Quantos ventos de doutrina conhecemos nestas últimas décadas, quantas correntes ideológicas, quantas modas do pensamento...A pequena barca do pensamento de muitos cristãos foi muitas vezes agitada por estas ondas lançada de um extremo ao outro: do marxismo ao liberalismo, até à libertinagem, ao coletivismo radical; do ateísmo a um vago misticismo religioso; do agnosticismo ao sincretismo e por aí adiante. (...) Ter uma fé clara, segundo o Credo da Igreja, muitas vezes é classificado como fundamentalismo. Enquanto o relativismo, isto é, deixar-se levar “aqui e além por qualquer vento de doutrina”, aparece como a única atitude à altura dos tempos hodiernos. Vai-se constituindo uma ditadura do relativismo que nada reconhece como definitivo e que deixa como última medida apenas o próprio eu e as suas vontades¹⁰.

⁸ A. R. LUÑO, “Relativismo, verdade e fé”.

⁹ Cf. *Ibid.*

¹⁰ J. RATZINGER, Homilia na Santa Missa *Pro eligendo Romano Pontifice*.

3. O ponto central da questão

Estas posições apresentadas pelo relativismo, em todos os campos de seu alcance, não são simplesmente a negação de uma verdade que diz respeito a este ou aquele ponto particular. O fenômeno em questão acaba por negar, em última instância, os dois fundamentos de qualquer outra verdade: em primeiro lugar nega Deus mesmo, que é a Verdade em sentido absoluto; e, em seguida, a verdade sobre o próprio homem, feito a imagem e semelhança de Deus. Negando esses dois elementos, todos os demais carecem de solidez e, portanto, acabam por desmoronar.

É dentro desse quadro cultural que se deseja reafirmar a força da verdade. Em outras palavras, se pode dizer que este cenário relativista é o campo de missão atual da Igreja, no qual ela deve, de novo, anunciar a Verdade e a possibilidade de conhecê-la.

III. O esplendor da verdade no homem

1. Um desejo não apagado

Apesar do caminho plurissecular da história do encontro e confronto com a verdade ter conduzido a humanidade à situação relativista da atualidade, é necessário reafirmar a convicção de que nenhuma sombra de erro e de pecado pode eliminar totalmente do homem a luz de Deus Criador. Por isso, nas profundezas do seu coração, permanece sempre a recordação nostálgica da verdade absoluta e o desejo de chegar à plenitude do seu conhecimento. Isto é comprovado, de modo eloquente, pela incansável pesquisa do homem em todas as áreas e setores, e ainda mais pela sua busca do sentido da vida¹¹.

A Igreja, que recebeu, no Mistério Pascal, o dom da verdade última sobre a vida do homem, não é alheia, nem pode sê-lo, a este caminho, feito pelo homem de todos os tempos, de encontro e confronto com a verdade. Movida pela constatação, sobretudo em nossos dias, de que a busca da verdade aparece muitas vezes ofuscada, ela sempre se sentiu interpelada a assumir, de modo particular, dentre os vários serviços que deve oferecer à humanidade, um cuja responsabilidade lhe cabe de modo absolutamente peculiar: a diaconia da verdade¹².

¹¹ Cf. JOÃO PAULO II, *Veritatis splendor*, 1.

¹² Cf. ID., *Fides et ratio*, 2.

2. A Igreja e a diaconia da verdade

Mesmo que, de muitos lados, se levantem vozes que tentam afirmar que vivemos em uma época pós-cristã, o desejo nunca apagado da verdade deve nos levar a proclamar, com grande convicção, que nossos tempos são, na realidade, comparáveis à época pré-cristã, isto é, tempos de expectativa e de desejo de Cristo. Por isso, a diaconia da verdade exercida pela Igreja se dá, sobretudo, pelo anúncio de Jesus, que é “o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6).

Sustentada pela própria revelação, a Igreja crê que “a resposta decisiva a cada interrogação do homem, e particularmente às suas questões religiosas e morais, é dada por Jesus Cristo, mais, é o próprio Jesus Cristo”¹³. Isto porque nele confluem a revelação da verdade sobre Deus mesmo e sobre o homem, que estão na base de qualquer outra verdade.

3. Rosto humano de Deus

Por um lado, Jesus é a máxima revelação de Deus. Nele, a história da auto-revelação e da auto-comunicação de Deus encontra o seu ponto culminante, pois, em Cristo, o Pai se revela de modo pleno e surpreendente. Nas palavras do próprio Jesus essa verdade é comunicada vivamente: “Aquele que me viu, viu também o Pai” (Jo 14,9).

Jesus é a encarnação da ação, da palavra e da presença de Deus que no Antigo Testamento haviam se concretizado de modo mediado. Há, portanto, uma grande novidade, Jesus é o próprio Deus feito homem (Cf. Jo 1,14), de modo que é Deus, sem mediadores que é presente, age e fala. Ao longo de Sua vida, Jesus passou revelando o Pai, o Seu amor misericordioso (Cf. Jo 3,35), e este “amor de Deus ‘se manifestou’, quer dizer, podemos experimentá-lo, no fato de ter enviado ao mundo o Seu unigênito”¹⁴.

Ao se revelar, Jesus mesmo disse ser a Verdade (Cf. Jo 14,6), no sentido de ser a revelação divina que é, ao mesmo tempo, expressão da fidelidade de Deus à Aliança e que se manifesta em sua obra salvadora¹⁵. Toda a vida de Jesus, desde a sua encarnação até sua ressurreição, é revelação dessa verdade amorosa e salvífica. Ele é a verdade, isto é, o Deus amoroso e fiel, Deus que ama o homem, que o salva e por Seu amor. Essa revelação do

¹³ ID, *Veritatis splendor*, 2.

¹⁴ R. SCHNACKENBURG, *Cartas de San Juan*, 255.

¹⁵ Cf. ID., *Il messaggio morale del Nuovo Testamento*, 199.204.

amor tem seu ponto culminante na morte de Jesus na cruz. Na cruz, Deus mantém-se fiel a si mesmo na Sua aliança com a humanidade e revela Sua natureza íntima: “Deus é amor” (1Jo 4,8.16). A entrega de sua vida reflete a essência do amor autêntico (Cf. Jo 15,12-13). No Senhor crucificado e ressuscitado temos, portanto, a revelação da verdade sobre Deus¹⁶.

Sobre isto, afirmou o Papa Francisco:

Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai. O mistério da fé cristã parece encontrar nestas palavras a sua síntese. Tal misericórdia tornou-se viva, visível e atingiu o seu clímax em Jesus de Nazaré. (...) Com a sua palavra, os seus gestos e toda a sua pessoa, Jesus de Nazaré revela a misericórdia de Deus¹⁷.

Ainda que vivamos em uma cultura relativista, o desejo da Verdade, expresso também na religiosidade natural e na busca do rosto de Deus, não é apagado do homem. Assim, o relativismo acaba por criar uma caricatura de Deus, como um legislador exigente ou um juiz implacável que pune os que não lhe obedecem, a fim de que não O procuremos. Em Cristo, porém, a verdadeira imagem de Deus pode ser encontrada e o homem pode superar qualquer caricatura apresentada. A partir dessa Verdade que está na base de qualquer outra, o ser humano compreende as demais verdades, pois, “aquilo que o homem é e deve fazer, manifesta-se no momento em que Deus se revela a Si próprio”¹⁸.

4. Rosto divino do homem

Por outro lado, juntamente com o fato que Jesus Cristo trouxe a verdadeira notícia e conhecimento de Deus (Jo 1,18), “também trouxe para o homem uma compreensão de si mesmo capaz de libertá-lo (Jo 8,36) e de indicar-lhe o seu caminho sobre a terra”¹⁹.

Ao mesmo tempo em que revelava Deus e Seu amor, desde o início da Sua vida humana na terra, Cristo acolheu e viveu essa mesma lógica de amor proposta por Deus. Ele se fez irmão e próximo de todos, amou a todos, promoveu fraternidade, superou a injustiça²⁰. Escolhendo essa

¹⁶ Cf. ID., *Cartas de San Juan*, 225.259.

¹⁷ FRANCISCO, *Misericordiae vultus*, 1.

¹⁸ JOÃO PAULO II, *Veritatis splendor*, 9.

¹⁹ R. SCHNACKENBURG, *Il messaggio morale del Nuovo Testamento*, 202.

²⁰ Cf. S. BASTIANEL, *Vita morale nella fede in Gesù Cristo*, 36.

intencionalidade do amor e a vivendo de fato, o fez por toda a vida, por ela viveu e morreu. Sua morte na cruz é justamente o sinal de uma vida vivida segundo a intencionalidade de dar-se pelo outro, de amar até o dom total de si, de não se defender, de não se auto justificar, mas de acolher o outro como irmão, ainda que ele se considere inimigo.

Dando um “sim” ao amor, Jesus, como novo Adão, recapitula em si mesmo todos os demais homens e revela qual deveria ser a verdade e a plenitude da vida humana segundo o projeto inicial do Criador²¹. Sua vida e, particularmente, Sua morte de cruz e Sua ressurreição, eram a atestação cabal de que viver o amor como fundamento e critério de vida era a possibilidade de viver plenamente como homem o projeto de Deus. Jesus mostrou ao ser humano, com Sua vida, com Sua morte e Sua ressurreição, que a verdade fundamental da sua existência é o amor e este modo de viver leva o homem à vida plena²².

Sobre este tema, afirmou o Concílio Vaticano II:

Na realidade, só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente o mistério do homem. Adão, o primeiro homem, era efetivamente figura daquele futuro, isto é, de Cristo Senhor. Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime²³.

Em Cristo, portanto, o homem encontra a medida do seu ser e do seu agir. Ele é o Filho do Homem, a verdade última sobre o ser humano, o cume da revelação sobre ele.

IV. Elementos prático-conclusivos

Tendo como base esses pontos de reflexão mais especulativos já apresentados, faz-se necessários apontar algumas conclusões de cunho mais prático, que possam ajudar na missão eclesial, coletiva e individual.

1. O corajoso anúncio de Jesus

Todas essas considerações permitem afirmar que a diaconia da Igreja frente ao relativismo exige novamente que ela assuma, como um imperativo para si mesma, o anúncio de Jesus e, portanto, dessa dupla verdade

²¹ Cf. ID., “Un’etica delle beatitudini per la cultura contemporanea”, 186.

²² Cf. ID., *Teologia morale fondamentale*, 35.

²³ CONCÍLIO VATICANO II, *Gaudium et spes*, 22.

nEle revelada. Convencida de que a sua mensagem está de acordo com os desejos mais profundos do coração humano, que procura e anseia pela verdade, ela deve novamente propor Cristo a todos os homens, como o caminho que revela a ele a verdade sobre Deus e sobre si mesmo, únicas capazes de conduzir o ser humano à vida verdadeira.

O encontro com Jesus e a relação pessoal com Ele, que nasce da fé em Sua pessoa, é a possibilidade que o homem contemporâneo tem de encontrar de novo o sabor de sua vida, que brota do encontro com a verdade. Devemos sempre recordar da passagem do Evangelho que relata o encontro de Cristo com aquele jovem que procurava conhecer o bem. “Jesus, com delicado tato pedagógico, responde conduzindo o jovem quase pela mão, passo a passo, em direção à verdade plena”²⁴.

Sendo assim, devemos fazer ressoar a todo ser humano o chamado que Jesus mesmo fez: “Vem e segue-me” (Mt 19,21). Ao mesmo tempo, devemos propor, como caminho de encontro com a Verdade, uma resposta ao apelo do Senhor, que

não se trata apenas de dispor-se a ouvir um ensinamento e de acolher na obediência um mandamento. Trata-se, mais radicalmente, de aderir à própria pessoa de Cristo, de compartilhar a sua vida e o seu destino, de participar da sua obediência livre e amorosa à vontade do Pai²⁵.

A proposta da fé em Jesus é a resposta para sanar a razão humana que, mesmo não perdendo sua capacidade de conhecer a verdade, ficou obscurecida pelo pecado. Iluminada e elevada pela graça, a razão pode chegar com certeza à verdade que, em Jesus, nos é revelada de modo pleno.

2. O otimismo frente a realidade atual

João Paulo II afirmou: “Nas profundezas do seu coração [do homem], permanece sempre a nostalgia da verdade absoluta e a sede de chegar à plenitude do seu conhecimento”²⁶. Como o homem procura a verdade, mesmo que às apalpadelas e de modo reduutivo, é necessário manter-nos otimistas frente a realidade atual.

Ainda que vivamos em tempos de relativismo, o desejo e a procura da verdade, que são parte constitutivas da pessoa humana, mantêm-se como uma base a ser explorada e sobre a qual se pode sempre trabalhar.

²⁴ JOÃO PAULO II, *Veritatis splendor*, 8.

²⁵ *Ibid.*, 19.

²⁶ *Ibid.*, 1.

Devemos saber aproveitar, em sentido positivo, aquela inquietude da qual fala Santo Agostinho: “fizeste-nos para ti e o nosso coração está inquieto, enquanto não repousa em ti”²⁷.

Este otimismo deve ser ainda mais vivo, pois somos cooperadores da Verdade (Cf. 3Jo 8) e é Cristo mesmo que, desde o âmago da humanidade, conduz o homem, por caminhos tantas vezes por nós desconhecidos, mas que levam o homem a este encontro com a Verdade que o liberta (Cf. Jo 8,32). Tendo-se unido a cada ser humano histórico, Jesus conduz o homem, de dentro dele mesmo, até o conhecimento de Deus e de si mesmo, isto é, ao conhecimento da verdade. Deus está sempre trabalhando, lá onde nem mesmo imaginamos.

3. A força intrínseca da verdade

A Verdade que a Igreja anuncia é Cristo, Filho de Deus e filho do homem. Não anunciamos uma verdade parcial ou que provém de nós mesmos. Por isso, a Verdade tem força por si mesma e se “impõem” ao homem independente das fraquezas e incoerências de quem a anuncia. De dentro do homem mesmo, Jesus faz brilhar a verdade. A ditadura do relativismo não é um mal contra qual não se pode lutar, mas um novo Golias que enfrentamos, como Davi, em nome do Senhor da Verdade (Cf. 1Sm 17,45).

Por isso, nossas debilidades e a desafiadora realidade dentro da qual trabalhamos não deve nos intimidar ou nos fazer desanimar. Como os Apóstolos, simples pescadores em número muito reduzido, se dispuseram, humilde e corajosamente, percorrer o grande Império Romano anunciando Jesus Cristo, também nós devemos nos dispor a percorrer com humildade, mas com coragem, o império do relativismo, proclamando de novo que a Verdade é uma pessoa, Jesus vivo e presente em nossa história, e capaz de nos dar a verdadeira liberdade.

4. A coerência pessoal com a Verdade

Apesar de a Verdade possuir uma força que brota de si mesma, a credibilidade do anúncio depende, em certo modo, da coerência de quem anuncia com o conteúdo anunciado e a convicção de estar anunciando a Verdade. Sendo assim, nós, ministros consagrados, sacerdotes diocesanos e religiosos, devemos procurar pessoalmente a Verdade, Jesus Cristo. Urge

²⁷ AGOSTINHO, *Confissões*, I, 1.

que aqueles que anunciam o Senhor ressuscitado sejam os primeiros a procurar conhecê-Lo pessoalmente e construir uma relação pessoal de amizade com Ele. É dessa relação que nasce a força e a convicção para enfrentarmos esse mal que é a ditadura do relativismo, prontos a dar nossa cooperação e nossa vida para que o homem contemporâneo possa descobrir a beleza da Verdade e o sabor de vive-la.

Por isso, afirmou o Cardeal Ratzinger:

Nós, temos outra medida: o Filho de Deus, o verdadeiro homem. É ele a medida do verdadeiro humanismo. “Adulta” não é uma fé que segue as ondas da moda e a última novidade; adulta e madura é uma fé profundamente radicada na amizade com Cristo. É esta amizade que nos abre a tudo o que é bom e nos dá o critério para discernir entre verdadeiro e falso, entre engano e verdade. Devemos amadurecer esta fé, para esta fé devemos guiar o rebanho de Cristo. E é esta fé só esta fé que gera unidade e se realiza na caridade. São Paulo oferece-nos a este propósito em contraste com as contínuas peripécias dos que são como crianças batidas pelas ondas uma bela palavra: praticar a verdade na caridade, como fórmula fundamental da existência cristã. Em Cristo, coincidem verdade e caridade. Na medida em que nos aproximamos de Cristo, também na nossa vida, verdade e caridade fundem-se. A caridade sem verdade seria cega; a verdade sem caridade seria como “um címbalo que retine” (1Cor 13,1)²⁸.

V. Conclusão

Como conclusão desta exposição, poderia se ter sempre presente uma citação da Carta Encíclica *Veritatis splendor*, do Papa João Paulo II, que parece resumir o que foi dito anteriormente:

A luz da face de Deus resplandece em toda a sua beleza no rosto de Jesus Cristo, “imagem do Deus invisível” (Cl 1,15), “resplendor da sua glória” (Hb 1,3), “cheio de graça e de verdade” (Jo 1,14): Ele é “o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6). Por isso, a resposta decisiva a cada interrogação do homem, e particularmente às suas questões religiosas e morais, é dada por Jesus Cristo, mais, é o próprio Jesus Cristo, como lembra o Concílio Vaticano II. (...) Jesus Cristo, “luz dos povos”, ilumina a face da sua Igreja, que Ele envia pelo mundo inteiro a anunciar o Evangelho a toda criatura (Cf. Mc 16,15). Assim a Igreja, Povo de Deus no meio das nações, ao mesmo tempo que permanece atenta aos novos desafios da história e aos esforços que os homens realizam na procura do sentido da vida, oferece a todos a

²⁸ J. RATZINGER, Homilia na Santa Missa *Pro eligendo Romano Pontifice*.

resposta que provém da verdade de Jesus Cristo e do seu Evangelho. Na Igreja, permanece sempre viva a consciência do seu dever de investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho, para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura e da relação entre ambas²⁹.

Luiz Henrique Brandão de Figueiredo

Bibliografia

- AGOSTINHO, *Confissões*, Paulus, São Paulo 1984.
- BASTIANEL, S., “Un’etica delle beatitudini per la cultura contemporânea”, em: COMPAGNONI, F. – PRIVITERA, S., ed., *Vita morale e beatitudini. Sacra Scrittura, storia, teoretica, esperienza*, Teologia morale. Studi e testi 8, Cinisello Balsamo 2000, 182-207.
- , *Vita morale nella fede in Gesù Cristo, Intellectus fidei* 5, Cinisello Balsamo 2005.
- , *Teologia morale fondamentale. Moralità personale, ethos, etica cristiana* (ad uso degli studenti), Roma 2007.
- BETTENCOURT, E., “Relativismo: o que é?”, *Pergunte e responderemos* 531 (2006) 396-397.
- CONCÍLIO VATICANO II, Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. Sobre a Igreja no mundo de hoje (07 de dezembro de 1965), *AAS* 58 (1966), 1025-1120.

²⁹ JOÃO PAULO II, *Veritatis splendor*, 2.

- FRANCISCO, *Misericordiae vultus*, Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia (11 de abril de 2015), *AAS* 107/5 (2015), 399-420.
- JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Veritatis splendor*. Sobre algumas questões fundamentais do ensinamento moral da Igreja (06 de agosto de 1993), *AAS* 85 (1993), 1133-1228.
- , Carta Encíclica *Fides et ratio*. Sobre as relações entre fé e razão (14 de setembro de 1998), *AAS* 91 (1999), 5-88.
- LUÑO, A. R., “Relativismo, verdade e fé”, Acesso: 29/04/2018. Disponível em: <http://opusdei.org/pt-br/article/relativismo-verdade-e-fe/>
- RATZINGER, J., Homilia na Santa Missa *Pro eligendo Romano Pontifice* (18 de Abril de 2005). Acesso: 29/04/2018. Disponível em: http://www.vatican.va/gpII/documents/homily-pro-eligendo-pontifice_20050418_po.html
- SCHNACKENBURG, R., *Cartas de San Juan: versión, introducción y comentario*, Barcelona 1980.
- , *Il messaggio morale del Nuovo Testamento. I primi predicatori cristiani. Supplementi al commentario Teologico del Nuovo Testamento*, II, Paideia, Brescia 1990.
- VATTIMO, G., – ROVATTI, P. A., *Il pensiero debole*, Feltrinelli, Milano 1983.

Índice

I. A procura da verdade.....	168
1. O homem que procura a verdade	168
2. Um caminho desviado	169
II. A sociedade relativista	170
1. Quais as bases do relativismo?	170
2. O que é o relativismo?	171
3. O ponto central da questão.....	173
III. O esplendor da verdade no homem	173
1. Um desejo não apagado	173
2. A Igreja e a diaconia da verdade	174
3. Rosto humano de Deus	174
4. Rosto divino do homem.....	175
IV. Elementos prático-conclusivos.....	176
1. O corajoso anúncio de Jesus	176
2. O otimismo frente a realidade atual.....	177
3. A força intrínseca da verdade.....	178
4. A coerência pessoal com a Verdade	178
V. Conclusão	179
Bibliografia	180